

Menino

*Dinda
A tia abre o cordão da bolsa
e me dá cem dinheiros.*

*Num sorriso:
“A quem Deus não deu filhos,
O Diabo deu sobrinhos.”
Os olhos e o coração
agradecem ao Diabo.*

Cílios imensos, lindos os dele. Arqueavam-se densos no mesmo castanho de cabelos e sobrançelas, sempre aquelas asas enormes viajando devagar por longas distâncias imaginadas e lá pousando o olhar. Que antigos e nômades *gens*, como que pequenos tuaregues, germinariam no corpo moreno de descendente árabe, aquele filhote perdido em permanente espanto? Eu me intrigava: como floriria ali um qualquer pensamento, que tessituras se imbricariam na ideia do menino, não mais que gaguejadas na sequência das imagens? Seria a criança uma completa escuridão e quando alguma coisa era percebida pela primeira vez – a descoberta! – então fazia-se a luz? Ou seriam tochas pequeninas que se iam acendendo na caverna que era já puro tesouro escondido? Nascera pensativo o pirralho: a cabeça sempre um pouco queda de lado, mesmo depois de firme o pescoço, somente os olhos determinados numa busca contínua e, como se tivessem eles bocas e dentes, ficavam a mordiscar a polpa das pequenas surpresas, como que ruminando lentamente por dentro delas. Na mão pequenina, o dorso se arredondava no gesto titubeante; covinhas cavadas rasas na nascente de cada dedo exploravam as primeiras texturas da vida. E o indicador direito ia apontando coisas, lugares, objetos, por vezes roçando o abstrato: “Ó, abô..., abô...” Palavras que eram somente um embrião sem asas que o transportassem, incapazes de lhe devolver o pra sempre perdido das coisas, o inalcançável.

A borboleta: ficara ali parada, imóvel no galho seco daquela árvore sem primavera. Tinha asas de seda amarela, duas saias superpostas em volteios suaves pela brisa da manhã. A criança a capturou com os olhos quase virgens, o dedo em riste, sem susto: “A flô!”. Era, sim, uma flor de ensolaradas pétalas, pistilos longos e negros, linda como uma graça concedida àquele velho galho quase morto. Fora uma flor de delicadeza desabrochada da retina de um menino se debatendo trôpego para conseguir caminhar dentro da própria infância atirada entre os riscos do mundo. Por alguns poucos instantes, a flor fora toda a verdade do menino e da borboleta. Ao menos até bater asas em retirada, na urgência de transmutar-se novamente no inseto que havia sido, leviana na posse de seu voo, nunca presa a um ramo seco.

Nos olhos do menino, a nata de mágoa, o desaponto – sofrera a primeira traição. “Ó, filhote, é só uma borboleta, viu? Bor-bo-le-ta!!”, ia a mãe distraidamente despetalando sílabas e ilusões. Eu, tia estorvada, jazia ali como um buquê de flores murchas, todos os talos paralisados num silêncio sem qualquer recurso. E ele, ainda sem conhecer a piedade pelas tias incautas, me olhava grave, sem fronde que me desse abrigo, todo sem sorrisos, me fuzilando o peito: “Bo-bo-le-ta!” Quanto ali envelhecemos juntos?

Nem sempre o tempo é borboleta tão ingrata. Desaponto cicatrizado, restava, sim, a esperança, na manhã de abril, escancarada em azuis. Uma brisa suavíssima roça as águas da lagoa, ondulado a superfície e chamuscando nela milhares de minúsculas faíscas pela graça de um sol pleno. “Ó, uma plantação de estrelinhas!”, aponta encantado com a própria descoberta. “Estrelinha...”, aponta-me ele antes que eu percebesse. Eu, tímida e confusa, pega em flagrante gosto, vou me transformando numa imensa Vesper recém-iluminada pelas ordens do pequeno querubim que, todo faceiro, me sabe desmanchada e rebrilhando dentre os seus dedos. As mãos mal me cobriam as maçãs do rosto, pupilas investigavam pupilas, como que em confissão sussurrada se comprometete: “Dindinha, a alegria chegou, a tristeza fugiu!”

Parecia pensar muito o menino, como se desde cedo pressentisse o fio enovelado dentro de si, o tato desfazendo aos poucos os primeiros nós, com gosto e receio. Estava sempre muito ocupado em conversar com seus botões e em cerzir casas que os coubessem. Viajava ajoelhado no banco traseiro do carro, olhando o caminho já percorrido. Me perguntava sobre o que pensaria ele. “Fico aqui, Dindinha, olhando o meu mundinho desse quadradinho!”... A fresta pequena pra tanta vontade de olhar, o mundo apertando devagar o peito, a vida arrojando o cerco desde tão cedo, nossas heranças se tocando, *gens* iguais correndo em nosso sangue: meu pequeno bandoleiro me roubando os olhos e se pondo a escancarar as coisas do mundo, buscando um caminho muitas vezes visto pelo avesso...

Como é que se apalpa o tempo, o instante mesmo, quando? O garoto o atravessava incólume. Crescia. Cresceu. Roça na minha uma face de pelos brotando esparsos. Conversa pouco, mas fluente e sempre enredado em entrelinhas, perdido nelas, que a palavra selvagem ainda é rebelde ao seu comando e o pensamento ainda fala por imagens.

Ao menos assim achei eu, tia sempre distraída...

Até receber um pequeno envelope: “Presente de aniversário.” Dentro, uma folha de linho, escrita em letra caprichada, mostrava o seu primeiro poema.

Claudia Botelho
Belo Horizonte – MG